



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (CCHS)

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**PIBID ENSINO MÉDIO: VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO
COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA KUBITSCHEK (CEJK)**

TATIANA VASCONCELOS DE OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

2016

**PIBID ENSINO MÉDIO: VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO
COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA KUBITSCHKE (CEJK)**

TATIANA VASCONCELOS DE OLIVEIRA

**Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de
Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro como requisito final para obtenção do grau de
Licenciatura em Pedagogia.**

Claudia Miranda (Orientadora)
Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro

2016

**PIBID ENSINO MÉDIO: VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO
COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA KUBITSCHEK (CEJK)**

TATIANA VASCONCELOS DE OLIVEIRA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

**Marcio da Costa Berbat
Departamento de Didática – Escola de Educação
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro

2016

“Um cinema que educa é um cinema que nos faz pensar”

Ismael Xavier

AGRADECIMENTOS

À Deus força suprema e a todos os amigos espirituais. À minha família por todo o apoio, dedicação e confiança. Sem vocês eu não teria realizado tantas conquistas, até aqui. Especialmente aos meus pais, Valéria e Sidney, pelo incentivo ao estudo. A minha irmã Ana e a minha avó Vera, que sempre estiveram ao meu lado e me ajudaram em todas as dificuldades encontradas durante esse percurso. E, ao Leandro, meu companheiro, que me incentivou e me apoiou nos momentos de angústia.

Ao Colégio Estadual Júlia Kubitschek (CEJK), escola que proporcionou a realização do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no Ensino médio, especialmente a Cida Aleixo por me receber e disponibilizar tempo para nossas conversas.

Aos meus amigos e professores que acompanharam minha trajetória na universidade, dando-me apoio, elogios e afeto. Vocês foram essenciais em minha formação. Estar com vocês fez a graduação ser mais leve! Agradeço especialmente ao Marcio Berbat meu Co-Orientador que se mostrou sempre solícito e amigo em todas as ocasiões possíveis!

À minha orientadora-professora, Claudia Miranda, pela orientação realizada e pelas aprendizagens que me possibilitaram vivenciar durante anos de graduação e nas trocas realizadas, enquanto bolsista-PIBID. Sem dúvidas, experiências que me engrandeceram muito. E além de tudo uma grande amiga, que sempre me inspirou!

À todas os jovens que passaram pelo meu caminho e me fizeram compreender esse momento de vida de outras formas, através de outros olhares...

ÍNDICE DE SIGLAS

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior

CCH – Centro de Ciências Humanas e Sociais

CEJK – Colégio Estadual Júlia Kubitschek

PNE – Plano Nacional de Educação

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

TATIANA VASCONCELOS DE OLIVEIRA. PIBID ENSINO MÉDIO: VIVÊNCIAS DE FORMAÇÃO DOCENTE NO COLÉGIO ESTADUAL JÚLIA KUBITSCHKEK (CEJK). Brasil, 2016, 31 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

RESUMO

O presente estudo busca compartilhar experiências formativas vivenciadas enquanto estudante/bolsista no subprojeto de Ensino Médio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UNIRIO) realizado no Colégio Estadual Júlia Kubitschek (CEJK). Quero ressaltar que as experiências desenvolvidas e proporcionadas pelo PIBID, consideradas complementares à formação docente vêm exercendo papel fundamental e ganhando centralidade no bojo deste processo formativo. Ao aluno bolsista do PIBID é propiciada melhores condições de aproximação com a escola, o que resulta numa redefinição da relação universidade e escola, tendo como consequência dessa configuração, o desenvolvimento de um olhar reflexivo sobre a prática de ensino e sobre a realidade da sala de aula. Diante dos inúmeros desafios que se impõem ao professor, bem como ao aluno, na sua condição de educando, é necessário ampliar o campo de visão quando o objetivo é compreender o processo educativo, que se realiza não somente no âmbito da instituição escola. Entendemos que a dimensão do cotidiano e da cultura do aluno compõe os processos formativos e, muitas vezes, é uma dimensão desconsiderada pela escola e pela universidade no campo da formação docente. Neste texto monográfico, busco compartilhar a experiência vivenciada em um subprojeto do PIBID, ao qual buscamos ampliar esse diálogo através, do planejamento de ações educativas que incorporam o “cinema” e as abordagens com as linguagens juvenis.

Palavras-chave: PIBID, Cotidiano Escolar, Cineclube, Cinema.

SUMÁRIO

Resumo -----	07
Introdução -----	10
I - Sobre o inicio dos meus anseios pedagógicos -----	14
II - Aspectos historico do cineclubismo no Basil -----	18
III - Cinema na Escola – Cine Júlia -----	23
Considerações Finais -----	28
Referências Bibliográficas -----	30

Introdução

A qualificação do licenciando e do docente são desafios para as políticas públicas de formação inicial e continuada dos profissionais da educação, já que a melhoria da qualidade do ensino é importante para assegurar à população brasileira o acesso pleno à cidadania. São grandes os esforços para melhorar a qualidade da educação brasileira. Vários documentos como a constituição de 1988 e o Plano de Nacional de Educação (PNE), apoiam esses esforços, garantindo o financiamento da educação, condições de trabalho para os professores e uma melhoria na qualidade do ensino.

De acordo com a Constituição Nacional, compete a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizar em regime de colaboração seus sistemas de ensino (BRASIL, 1988). Segundo a Emenda Constitucional nº 14 de 1996: [...]garantir equalização de oportunidades educacionais e padrão mínimo de qualidade do ensino mediante assistência técnica e financeira aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios (BRASIL, 1996).

Além disso, é preciso compreender, que a melhoria da qualidade do ensino só será alcançada com a valorização do magistério. Esta valorização só pode ser obtida por meio de políticas públicas que impliquem na formação profissional inicial, condições de trabalho, salário e carreira e formação continuada. Neste contexto, cria-se o Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) como parte de uma política de qualificação profissional em nosso país. Garantir a expansão da formação e da qualidade docente são umas das medidas previstas pelo programa. Para isso, é preciso criar condições para que a experiência dos licenciandos durante a formação inicial desenvolva confiança e propicie a manutenção de entusiasmo e dedicação.

Esta monografia é o resultado das vivências realizadas durante quatro anos de experiência no Programa Institucional de bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES (Coordenação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior). Como bolsista deste programa, busco compartilhar as percepções do cotidiano através do olhar de uma pesquisadora iniciante que concomitantemente

assume o papel de graduanda em pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Ao mergulhar nessa experiência, há o começo do tensionamento da formação e docência. Ainda na escola básica, através de diálogos com professores, aprendemos que o sistema educacional não é justo. Isto provoca o questionamento: que educação é essa pela qual passamos durante a nossa vida?

O ingresso na UNIRIO trazia anseios de uma jovem admirada por uma perspectiva redentora da educação, perspectiva esta, incompatível com a que nos atravessa como alunos desde a mais tenra idade. Meu objetivo não era reproduzir essa abordagem, mas sim, a partir da aquisição de um diploma e de novos conhecimentos, ser capaz de transformar e afetar aqueles que ainda mantinham essa abordagem de uma educação apenas como um viés quantitativo, com ênfase em números, ao qual eu considerava errada, desvinculada da qualidade do processo educativo.

As disciplinas do curso nos mostra que a formação de professores acontecia pela concepção teórica-metodológica tradicional ou freiriana, que alimentava escolhas de mudança na educação brasileira. Esse desejo ganhava força nas aulas assistidas e, quase que com uma infantilidade, as próximas aulas eram ansiadas. Eram as reflexões a partir daqueles discursos que eu precisava para atuar e transformar o que estava ao meu alcance e finalmente encontrava os intercessores necessários para essa difícil função.

Nesta trajetória fiz parte do grupo de pesquisa “Iniciação à docência: qualidade e valorização das práticas escolares – Ensino Médio”, coordenado pela Prof^a Dr^a Claudia Miranda. Sem dúvidas, uma das atividades mais instigantes do subprojeto foi a participação no grupo de estudos e, ao nos debruçarmos nele, emprestamo-nos às palavras de Domingues, percebendo que "as certezas ruíram e todo um campo problemático emergiu" (DOMINGUES, 2010, p. 22). Traçá-lo, no entanto, nos deslocava e forçava o pensamento a pensar, pois tensionava os a priori constituídos e construídos da representação e nos (des)focava em um objeto em devir.

Desde então, traçamos um diálogo e produções com autores do campo da educação e, que de alguma forma, estão presentes no meu texto, em diálogo com a vivência do PIBID no Colégio Estadual Júlia Kubistchek (CEJK).

Através desse estudo monográfico, compartilho os atravessamentos de ensinoaprendizagem vivenciados no cotidiano do projeto. Nesta perspectiva é que emerge o objetivo desta monografia, a saber, analisar experiências de formação de professores no contexto da PIBID, dando visibilidade ao projeto vivenciado através da criação de um cineclube, o Cine Júlia. A partir da necessidade de trabalhar mais no ambiente escolar a educação através do cinema e como uma ponte para despertar/ampliar o senso crítico e perceber o mundo através da arte cinematográfica.

Acreditamos que por se tratar de uma escola normalista, em que trabalhamos com o ensino médio, há uma cultura juvenil, que está diante de uma sociedade imersa em artefatos tecnológicos. Ou seja, trabalhar nessa perspectiva é deixar a sala de aula tradicional e contextualizar o ensino com a nossa realidade, de forma, que os interesse mais, que desperte o prazer pela aprendizagem.

Pensando com Loureiro, vimos que as representações sobre os trabalhos com as novas linguagens podem ser uma importante mudança nas formas de planejarmos com os estudantes as questões que estão no centro do projeto educativo da escola. Neste sentido, o presente trabalho pretende valorizar e fomentar o incentivo do uso das mídias e suas tecnologias, dando ênfase ao cinema, por professores no espaço escolar. Buscamos o diálogo entre cinema e educação através do estudo de uma experiência de cineclube realizada em uma escola estadual do Rio de Janeiro.

Deste modo, esta pesquisa visa ampliar a disseminação do uso das mídias e suas tecnologias no âmbito educacional, de modo que estas possam contribuir com a formação docente e na difusão de práticas que valorizem os artefatos midiáticos como recursos pedagógicos, possibilitando assim, novas leituras de mundo a partir deste campo estético, o cinema.

O primeiro capítulo apresenta um breve relato sobre o início e meus anseios pedagógicos. No segundo, realizamos um panorama sobre o cineclubismo no Brasil, no terceiro, o cinema na escola – Cine Júlia. **(Preciso ver o que vai ter direitinho)**

I. Breve relato sobre o inicio dos meus anseios pedagógicos

Os caminhos percorridos até chegar a UNIRIO, foram inumeros. Muitas duvidas, muitos anseios. O que representava estar em uma universidade? Uma resposta um tanto misteriosa. Meus passos educacionais foram traçados na escola publica, não tinha clareza do que me aguardava apos o ensino medio. Na verdade nunca gostei de admitir, mas tinha medo de não conseguir alcançar um deternimado lugar que nem sei ao certo o que seria esse ‘lugar’. Quando cheguei no 3 ano do ensino medio, alguns jovens fizeram uma visita a nossa sala. Nos informaram que aos sabados e domingos funcionaria um pre vestibular comunitario que na epoca se chamava pre vestibular comunitario para jovens carentes e negros, hoje conhecido como pre vestibular social.

Mas ao observar atenta aqueles jovens falando sobre as inumeras possibilidades que teriamos ao passar no vestibular, senti minha alma euforica, era isso que queria. Aquele brilho, aquelas palavras dificeis, que hoje sei de onde vem, palavras do meio academico. Era isso que queria vivenciar, todos eram descolados, diferentes dos jovens que conhecia, pareciam inteligentes, politizados, informados. E claro, me inscrevi imediatamente. Não via a hora de iniciar, de experimentar aquilo tudo que nos ofereceram em poucos minutos de conversa entre uma aula e outra.

Em fim chegou o dia tão esperado, as oitos horas da manhã, abriu o portão e lá fomos eu e inumeros jovens com olhos brilhantes e sedentos de esperança, pois queriamos alcançar o nosso lugar ao sol. Tivemos uma abertura, onde todos professores jovens estudantes, em sua grande maioria de universidades publicas, coisa que para mim era um sonho quase utopico. Até porque no meu nucleo familiar não havia um historico de estudos continuado, todos pararam ate o ensino médio. Acho que nem entendiam o que esse caminho representava, mas sabiam que provavelmente era mais promissor que os que tinham dado até hoje. Me sentia de certa forma só, porem desejava dar orgulho aos meus pais.

E que ali estava uma possibilidade, naqueles jovens tão otimistas e sorridentes, isso foi uma coisa que me marcou, sorrisos para dar e vender. Muitos viam de longe, só recebiam a passagem, mas estavam ali confiantes que poderiam passar o que tinham de melhor. A cada aula, a cada momentos de conversas, palestras sobre as possibilidades no futuro tão perto, todos esses momentos me transbordavam de euforia.

Depois de diversos encontros, fiz o enem, portanto a minha nota foi baixa, logo me senti muito mal, triste, um sentimento proximo ao de fracasso, tantas horas doadas para nada? E agora? Estou proxima de completar dezoito anos e o que farei, as deficiencias d ensino medio eram reais, sentia isso, mas o que eu poderia fazer? Indagações que me corroeram diversas vezes. O sistema era correto? Não, não era. Não tive a formação base necessaria para concorrer com tantos outros jovens que desde de sempre se preparam, fizeram cursinhos intensivos, que tinha professores todos os dias, que tinham livre acesso a internet, bons livros, tempo e conforto familiar para dedicarem seu tempo exclusivamente para o tão sonhado lugar ao sol.

Uma certa melancolia me abateu, meus pais não podiam me oferecer uma possibiliddae de estudar em uma universidade privada, mas tambem não queria jogar o peso em cima deles, ser um algoz, sei que desejavam me oferecer o melhor e me ofereceram, me deram muitas lições de vida, me mostraram que independente do caminho a seguir, eu deveria ser uma pessoa de bem e ao ter possibilidade de escolher uma profissão, que fosse aquela que eu pudesse ser util a maior quantidade de pessoas. E isso me marcou, e ecoava em minha mente quase que diariamente. Mas tão jovem, não sabia ao certo como isso aconteceria.

Em um determinado momento tomei a iniciativa de procurar emprego, sempre fui comunicativa e logo consegui uma vaga em uma loja de roupas do centro do Rio de Janeiro. E a minha esperança voltou, agora podia pagar minha graduação, foi ai que iniciou minha trajetoria academica. Fui até a Estacio de Sá uma universidade proxima ao meu local de trabalho, negocieei um desconto. Em minha mente queria fazer serviço social, se adequava bem ao lema ser util a maior quantidade de pessoas possiveis. E como segunda opção, Historia, pois até então era a materia que mais gostava. A coordenadora responsavel pelo setor financeiro na Estacio, m informou que só poderia dar desconto para o curso de historia, foi aí que tudo inciou.

Nossa, mas que felicidade me envolveu. Foram dias de muita alegria e esperança. Mas com o decorrer dos meses, anos percebi que não era ao certo o que queria. Quando

completei dois anos, já estava participando de um projeto chamado Mais Educação, que acontecia dentro de uma escola pública do Município de Magé. Aí sim algo surpreendente aconteceu, aquele contato com a escola, com as crianças e outros educadores, percebi que queria mais do que lecionar História. Passei por várias experiências que nunca pude imaginar, conflitos entre as crianças, professoras no auge de estresses, agentes educacionais\professores tratando as crianças como robos.

Foi aí que percebi que de alguma forma queria intervir nessa situação. Durante diversas conversas com a pedagoga da escola, percebi que o caminho da educação era o que me interessava. Logo depois entro para UNIRIO, cheia de expectativas e anseios. Após alguns períodos, uma amiga de turma me convidou para uma entrevista para ser bolsista PIBID, mas o que seria isso? Ela me explicou que era uma iniciação a docência, mas ainda estava muito longe de compreender o quanto esse projeto seria influente em minha carreira acadêmica.

Iniciaram os encontros com os outros alunos bolsistas e com a coordenadora Claudia Miranda, grande professora, que me acolheu e me incentivou em toda minha trajetória acadêmica. Desses encontros emergiu em mim a curiosidade de vivenciar e reiventar aquele espaço que vivi meus anos escolares. Logo de imediato pude vivenciar e compreender aspectos importantes do que era estar na escola e ser uma pesquisadora em descoberta de si mesma.

Os novos paradigmas para a educação do século XX sinalizam que é preciso articular de forma mais integrada teoria e prática nos cursos de formação docente. Nesta perspectiva, percebi que o PIBID vem incentivando aos bolsistas no início à docência com o intuito de explorar as teorias estudadas, refletirem sobre a própria prática a partir do contexto em que atuam, criando e diversificando as atividades acadêmicas, compartilhando saberes entre escola, universidade e comunidade, para que o processo de ensino e aprendizagem seja significativo para todas as pessoas envolvidas. Estar no chão da escola era quase que um evento extraordinário na minha formação.

Desde o início, o Programa apresentou-se com um duplo objetivo: por um lado, integrar-se a um conjunto de ações que visam à formação inicial e a permanência na docência, junto aos estudantes de licenciaturas e, por outro, contribuir para a elevação dos processos de aprendizagem de alunos, em especial de escolas que apresentam baixo Ideb.

Dentre os objetivos do Pibid, destacam-se aqueles voltados para a formação de professores, qualificando do seguinte modo as ações acadêmicas a ela destinadas: fortalecer a escola pública como espaço de formação, e promover a necessária articulação das universidades com as redes públicas de ensino. É, assim, um Programa que tem como finalidade a formação inicial dos licenciandos, proporcionando a estes experiências pedagógicoformativas, articulando seu percurso formativo na universidade com a realidade local das escolas.

No campo acadêmico, há ainda resultados também interessantes, já que, de certa forma, isso obriga o pesquisador a todo momento refletir e aplicar suas teorias às realidades cotidianas das escolas e o faz enfrentar problemas advindos desse cotidiano em movimento. Além da reflexão teórica, participar do projeto faz com que se desenvolvam novas formas de ensino para as licenciaturas, legitimando os conhecimentos teóricos produzidos na academia. O programa de formação em questão contribui com e impacta a qualificação tanto dos professores universitários quanto da Educação Básica, dos licenciandos, assim como provoca um impacto importante nos cursos de licenciatura, que nem sempre se mantêm presentes nos problemas cotidianos da escola de Educação Básica.

Os profissionais, ao se envolverem com o Programa, se inserem num movimento de formação continuada por meio de cursos e em desenvolvimento de projetos na escola junto com os licenciandos. Por outro lado, os coordenadores de área – professores universitários – passam a participar também da rotina da Educação Básica, qualificando as atividades curriculares desenvolvidas na universidade. Dessa forma, há uma interlocução entre a universidade e a Educação Básica, parceiras na formação dos futuros professores.

Percebemos que o PIBID possibilitava uma ponte que contribui para a formação docente e julgamos que esta é uma política interessante e acertada dentro da proposta de melhorar a qualidade da formação de futuras professoras por antecipar o ingresso de licenciadas no contexto escolar e minimizar o choque dessa realidade.

Com o decorrer dos semestres, esbarrei com uma matéria optativa incrível chamada cinema e educação lecionada por Adriana Hoffman. Desde do primeiro momento fiquei apaixonada pelo tema cinema e escola. O cineclube “Cine Júlia” surgiu dessa experiência, além das experiências vivenciadas no Cine CCH (Centro de Ciências Humans e Sociais), projeto de extensão, que acontece mensalmente com exposições e

debates de filmes na UNIRIO. Através dessa inspiração criamos no projeto no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - UNIRIO, mais especificamente no subprojeto Projeto “INICIAÇÃO À DOCÊNCIA: qualidade e valorização das práticas escolares.

II. Breve historico do cineclubismo no Basil

A Prática cineclubista no Brasil, começou pouco depois da metade da segunda década do Século XX com Adhemar Gonzaga, Álvaro Rocha, Paulo Vanderley, Pedro Lima, entre outros, que se reuniam para ver filmes nos cinemas Íris e Pátria, na cidade de Rio de Janeiro. Após a exibição dos filmes, seguiam para debatê-los em um lugar chamado Paredão; ficaram conhecidos, posteriormente, como “O Grupo do Paredão”. Podemos dizer que o Paredão impulsionou um maior comprometimento com o cinema.

Desde os primórdios, essa prática, que nascera para dar a luz ao conceito de cineclubismo, teve caráter bem definido no que tange aos seus objetivos: assistir e promover debates de filmes; uma forma de refletir e entender o processo da produção cinematográfica e se inserir no conhecimento dessa nova arte que aparecera e que tanto encantava.

Entretanto, o primeiro cineclubes propriamente dito, nos moldes formais, só aparece mais de dez anos depois, no Rio de Janeiro e, é batizado pelo nome de “Chaplin Club”, em 1928. A característica primordial dos cineclubes é projetar e promover debates de filmes, desde as questões técnicas às suas respectivas temáticas, oferecendo subsídios para uma avaliação fílmica mais aprofundada, formando críticos que refletem conceitualmente a arte e, como não poderia ser diferente, despertar o interesse pela produção cinematográfica.

Em 1926, Gonzaga e Mário Behring lançam a principal revista especificamente de cinema do País, Cinearte, que juntou novamente o time todo do Paredão. Aquele cineclubes informal criou um caldo de cultura duradouro que, misturado com outras influências, dará origem a polêmicas, leis, filmes – e até a um estúdio, a Cinédia – que não apenas marcaram o desenvolvimento do cinema no Brasil mas, principalmente, tiveram uma influência decisiva na trajetória do cinema brasileiro daquela época (MACEDO, 2010, p.5).

Podemos observar que a história da produção cinematográfica brasileira tem relação embrionária com o movimento cineclubista. A linguagem cinematográfica, em especial no Brasil, nas décadas iniciais do século XX, encontrava-se em fase de afirmação, de conquista de espaço dentre as diversas formas de linguagens então solidificadas. Nesta perspectiva, os cineclubes nasceram para estabelecer e ampliar o contato das vanguardas artísticas com a intelectualidade em prol do cinema e, quando possível, com o público constituindo uma das características dessa nova arte. Não é por acaso que, assim que superadas as questões técnicas, a literatura invadiu a área dessa nova forma de expressão artística e constituiu-se em um casamento inseparável.

A articulação cineclubista segue ganhando espaço e cada vez mais conquistando novas personagens fundamentais, pessoas comprometidas com a arte que se envolvem com a causa do cinema, levando o cineclubismo ao destaque de quem cumpre com importante papel na fomentação da cultura cinematográfica. Essas pessoas, tomadas pelo encantamento e o poder de comunicação e expressão artístico-cultural proporcionadas pelo cinema e impulsionadas pelo desejo de ver a arte cinematográfica ocupar o espaço que lhe é de direito, são quem fazem o cineclubismo.

Depois do Golpe Militar, praticamente em todos os segmentos de resistência no país as coisas mudaram; com a história cineclubista, não foi diferente. Esse passou por dificuldades, com períodos marcados por altos e baixos. Entretanto, na década seguinte, principalmente a partir de 1985 com a reestruturação política e a “democratização” do país, muitos cineclubes, que estavam ligados a movimentos políticos desapareceram.

Os Cineclubes-biombos, como eram conhecidos, serviam como espaço de conscientização, através do cinema, por algumas correntes políticas e perderam, com o retorno à “normalidade democrática”, sua principal função, que era ajudar a derrubar o Regime Militar. Esses cineclubes viram-se órfãos de seus organizadores que, equivocadamente, pensavam não necessitarem mais desses espaços, deixando-os esvaírem-se. O resultado desse equívoco foi um retrocesso histórico no movimento cineclubista. Possibilitando praticamente 14 anos de silêncio total dos cineclubes. Retornando seus encontros por volta de 2003, quando aconteceu a 24ª Jornada Nacional de Cineclubes.

Na década de 80, exatamente o momento de aparecimento e disseminação dos videocassetes, computadores de uso pessoal e variadas tecnologias, o que aliado a fatores como a violência urbana, geraram uma maior introspecção de pessoas de alguns

extratos da sociedade, dislumbradas com a possibilidade de consumir obras audiovisuais sem ter que sair de casa. Mas o fato é que, além do testemunho histórico restaram algumas experiências ou algumas resistências. Nem todos os quadros cineclubistas migraram para outras áreas. Alguns se profissionalizaram e até se tornaram muito bem sucedidos.

No caso dos cineclubes “Estação Botafogo” – Rio de Janeiro; e “Elétrico Cineclubes” – São Paulo e Barão de Campinas – Interior de São Paulo, tiveram contatos institucionais, projetos arrojados e produções competentes que possibilitaram a montagem de salas bem estruturadas. Com o passar dos anos, foram surgindo outras experiências alternativas de exibições cinematográficas.

Por que o cinema?

O cinema além de ocupar um espaço destinado à arte, constitui-se também como forma de ler e conhecer o mundo. Ultimamente, esse espaço de leitura tem estado restrito a uma camada da população que possui privilégios financeiros e pode fazer do lazer, um momento de reflexão e crítica. Não podemos esquecer que “o cinema é uma indústria (...). Mais que seu caráter industrial, é o comercial que constitui uma grave desvantagem para o cinema...” (Martin, 2003, p.15) Isso porque os poderosos do cinema comercializam em nome do gosto do público em uma suposta lei da procura e da oferta, a qual não consegue alcançar esse mesmo público por conta das limitações financeiras que cercam a indústria cinematográfica como diversão e arte. O fenômeno do Cineclubismo veio para minimizar as distâncias que separam o grande público dessa arte. Filmes são produtos culturais e de informação, são textos sincréticos, os quais manipulam várias linguagens com a finalidade de gerar um todo com sentido.

A arte cinematográfica cria um simulacro, mescla magia e realidade dialogando com a dialética moderna em que estamos inseridos. Segundo Almeida:

O cinema, produção da indústria e da cultura não acadêmica, produção complexa para o consumo e entretenimento de qualquer pessoa, de qualquer grupo social, para a qual basta levar o próprio corpo à sala de exibição, sentar e permanecer com os olhos abertos. Junto a todos os outros, permanecerá em quase imobilidade e absolutamente só. Talvez, por isso, o cinema seja a arte que melhor expressa e faz com que se expresse o viver contemporâneo urbano: estar só, estando junto. Uma solidão compartilhada com os personagens na tela. Um

estranho com os personagens da vida cotidiana (ALMEIDA, 1999, p.6).

A produção cinematográfica forma-se como sujeito mediador de uma pluralidade cultural e uma visão de mundo. Portanto, além de instaurar-se como produto de lazer, revela-se, também, como ferramenta para prática reflexiva a qual promove a inserção e interação em um mundo globalizado.

Além disso, a principal linguagem do cinema é a imagem, a qual Jean Epstein reconhece como “língua universal”, capaz de produzir e gerar a leitura por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo. Cabe salientar que “toda imagem é mais ou menos simbólica” (Martin, 2003, p.23), por carregar em si um feixe de significação capaz de generalizar e exprimir idéias ou situações das mais abstratas.

Cineclube na Escola

A popularização das sessões sistemáticas com discussão de filmes, pelo mundo, ocorreu no fim da 2ª Guerra e a queda de regimes totalitários, associada à propagação de mensagens civilizatórias e humanistas. Nos anos 1940-60, os cinéfilos “compartilhavam a percepção do cinema como manifestação cultural, ao tempo em que consideravam ser o consumo cinematográfico um meio para viabilizar a manutenção ou a transformação de atitudes humanas e de condutas cotidianas” (GUSMÃO, 2007, p. 170).

O caráter pedagógico do cinema foi enfatizado na prática cineclubista desse período. Foi nesse momento que os cineclubes entraram nas escolas, expansão da qual a Igreja Católica foi o principal agente no Brasil até o início dos anos 1960. O objetivo destas organizações era a promoção de filmes “edificantes” e o controle dos conteúdos que circulavam pelas telas, por meio da realização de sessões e cursos de cinema e da publicação de críticas, da concessão de prêmios e de classificações morais das fitas.

O Estado Novo concebia o cinema como instrumento pedagógico, mas, atuando de forma diferenciada da Igreja, via com maus olhos a instituição de alguns cineclubes, tendo ordenado o fechamento do Clube de Cinema de São Paulo, em 1941. Com o fim da Ditadura Vargas, o Clube saiu da clandestinidade e outros cineclubes de caráter laico começaram a se difundir pelas capitais brasileiras, como o Clube de Cinema da Faculdade Nacional de Filosofia (Rio de Janeiro, 1946), o Clube de Cinema de Porto Alegre (1948) e o Centro de Estudos Cinematográficos (Belo Horizonte, 1951). Nesse

grande intervalo que vai dos 1940 aos 60, o cineclubismo se consolidou no Brasil como um projeto de ação maior do que a pura cinefilia.

É também a partir desse período que se pode falar da articulação de um Movimento social Cineclubista no Brasil, com a realização dos primeiros encontros e a criação de federações regionais e nacional, com conexões internacionais. Os cineclubes e cinematecas dos anos de 1940-50 foram as “escolas” que formaram os cineastas mais influentes nas mobilizações juvenis das duas décadas subsequentes, como os franceses François Truffaut e Jean-Luc Godard e os brasileiros Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman, Cacá Diegues e Glauber Rocha, representantes do Cinema Novo.

Sobre a geração cineclubista seguinte, Butruce (2011) escreve:

Diante de toda agitação pela qual passava a sociedade brasileira na década de 1960, especialmente entre os jovens, o desenvolvimento dos cineclubes concentrou-se principalmente em universidades e escolas, acompanhando o ritmo de algumas manifestações culturais do período, como o Centro Popular de Cultura organizado pela União Nacional dos Estudantes (BUTRUCE, 2011, p. 21).

As restrições da ditadura milita fortaleceram o engajamento do movimento de cineclubes, os mesmos eram os poucos espaços nos quais ainda era possível se reunir em grupos e expor ideias alternativas; algumas vezes se estabeleceram como pretexto para atividades de partidos clandestinos acredita que o desenvolvimento do espírito crítico dos estudantes se dará com o crescimento do repertório cultural dos mesmos, como ampliação das possibilidades de mediações entre os espectadores e os produtos audiovisuais.

III. Cinema na Escola – O Cine Júlia

A instituição escolar tem como papel social a transmissão de conhecimentos, acumulados historicamente que fornecem qualificação para o trabalho, embora se preocupe com a educação de maneira mais ampla, isto é, preparar os alunos para a cidadania. Professores, alunos, pais e a própria sociedade, esperam algo mais da escola.

Segundo Duarte (2002, p. 19), o aluno espera saber, aprender; o professor espera poder transmitir um saber; os pais esperam que a escola contribua com a formação de seus filhos; a sociedade espera que suas gerações futuras possam estar aptas para perpetuar ou melhorar as condições de vida. Utilizar o cinema dentro da escola é explorar uma nova linguagem, encorajando os alunos a se comunicarem de outras formas, buscando uma nova visão da realidade.

Promover através do cinema a comunicação e a interatividade nas aulas é dar aos alunos a possibilidade de organizar, explorar e esclarecer seus conhecimentos, por meio de conflitos reais ou ficcionais, mas que fazem parte de um contexto histórico social ou político, enredos que despertem curiosidade, ansiedade e novas descobertas, promovendo uma percepção mais atenta e detalhada das situações reais, de acordo com Irene Tavares de Sá (1976, p. 118), estudar e aprender através da linguagem cinematográfica é como aumentar a visão para os detalhes, para a sensibilidade, para as coisas que acontecem no cotidiano. É ampliar o olhar para novas formas de comunicação e perceber como isso pode interferir ou assemelhar-se às nossas vidas. Para Napolitano (2004, p.11), “trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada”.

O cinema não é uma solução para os problemas encontrados pelo professor na sala de aula, mas ele pode ajudar no processo de aprendizagem. É importante que o professor crie seus procedimentos para que possa trazer a reflexão coletiva dentro da sala. Nesse sentido a linguagem audiovisual pode tornar-se o fomento necessário para

subsidiar uma educação mais dinâmica e avançada, relacionando os sistemas educacionais tradicionais com novos métodos de ensino e aprendizagem.

A proposta do “Cine Júlia” surgiu da experiência de uma matéria optativa de Cinema e Educação ministrada na UNIRIO, em que pudemos perceber através da base teórica e prática, durante o primeiro semestre de 2013, a necessidade de trabalhar mais no ambiente escolar a educação através do cinema como uma ponte para despertar/ampliar o senso crítico e perceber o mundo através da arte cinematográfica.

O aluno ao observar e trabalhar com a linguagem cinematográfica, é capaz de melhor compreender o mundo em que vive e qual o seu papel dentro dele, além de presenciar outras realidades em vários contextos diferenciados. A cinematografia nos torna mais sensíveis e facilita a compreensão de nossos sentimentos.

Como nos atenta Neri e Marques (2012), a escola ainda subqualifica o uso das linguagens midiáticas como possibilidades pedagógicas. Precisamos desconstruir a forma tradicional de que a escola ainda se apropria das linguagens audiovisuais. Para isso, é necessária a investigação junto às narrativas de professores e estudantes, de como essas linguagens são utilizadas dentro desse espaço. Muniz Sodré (2009) ressalta que, ao longo da história, a palavra teve vários significados e construções, sendo ela considerada como “visão de mundo”. “Do ponto de vista da teoria da linguagem, entretanto, o mundo não é dado *a priori*, e sim algo que se constrói (*um constructum*) a partir da experiência linguística da realidade” (SODRÉ, 2009, p. 97).

Portanto, a narrativa fala do mundo através de uma sucessão seletiva de fatos relativos à experiência do sujeito narrador. Elas não replicam a realidade, mas oferecem representações e interpretações do real. As narrativas não entram no registro da comprovação ou da veracidade, mas sim da expressão de um ponto de vista sobre o mundo e o momento histórico no qual se inserem (JOVCHELOVITCH ; BAUER, 2002). Conforme observa Certeau (2014) cada espaço com suas práticas cotidianas (falar, ler, circular, conversar, habitar, cozinhar, etc.) cria, recria, inventa e se apropria de novas narrativas, pois são “táticas” e “estratégias” utilizadas pelos sujeitos, que estão presentes em todos os meios de representação como: as “maneiras de fazer” e as “maneiras de falar” que mostram “a vitória do “fraco” sobre o mais “forte” (Ibid., p.46).

Nesse contexto, e ainda resgatando as ideias de Coutinho (2008), “as palavras escondem segredos e armadilhas que implicam hesitações, silêncios, tropeços, ritmos,

inflexões, retomadas diferenciadas do discurso”. Não podemos deixar o acaso ser excluído, é ele que deve estar vivo em nossas buscas, filmando o acontecimento único. Além do mais, todos querem ser escutados, é uma necessidade do ser humano ser escutado e reconhecido, logo, filmar o imprevisível passa a ser um exercício apenas de sensibilidade.

Hoje a escola deixa de ser um espaço fechado de um determinado grupo, ela está aberta para nos apresentar a sua pluralidade de valores, através das “maneiras de agir e fazer”, isto é, suas práticas do cotidiano. Por isso acreditamos que as vozes de professores e estudantes possam nos ajudar a elucidar o fenômeno do uso dos artefatos tecnológicos no ambiente escolar e suas vicissitudes.

Extensão curricular no âmbito de uma escola pública

Em nossa proposta, utilizamos o cinema como ponto principal das atividades, pensando a educação através do cinema. O intuito é que os alunos assistam filmes que são passados, de acordo com a temática do mês, participem da mesa de debates realizada após cada Cine Júlia e, além disso, produzam curtas, filmes baseado em Lumiere, cinema mudo, documentários, entre outros gêneros.

E no decorrer no projeto, tivemos a idéia de levar curtas para o horário do intervalo. A proposta foi montar um projetor no espaço coletivo de uso dos alunos durante a pausa para lanche. Foi sensacional, pois por serem em média de no máximo 5 minutos os alunos assistiam e ainda podiam lanchar, conversar e trocar sobre a experiência. Levamos temas pertinentes e atraentes, para que possamos ajudá-los a refletir e pensar através das propostas de filmes e oficinas realizadas, auxiliando-os através de debates, para que assim possam experimentar a linguagem cinematográfica e o que ela pode os oferecer para enriquecer a formação. Assim, ajuda-os com conteúdos reflexivos que pode auxiliá-los a formar o senso crítico, explorar suas sensibilidades artísticas e perceber o mundo através do cinema. Importante compreender também, que o contato com a obra fílmica produz no espectador marcas, traços, impressões, sentimentos, que serão (re) significados indefinidamente.

Coutinho (2002, p. 2) afirma que o filme: por “não se prestar a uma única interpretação, pode ser visto e revisto de várias maneiras, tudo fica a depender do contexto, da capacidade, do interesse, das expectativas de quem vê.” Utilizamos

diversas temáticas, como o cotidiano escolar, preconceito, deficiência, gênero e sexualidade, temas políticos atuais, entre outros. Com isso trabalhamos interdisciplinarmente, abordando conteúdos de diversas áreas de conhecimento, tendo com o foco as áreas de História, Ciências Sociais e a Formação Docente em geral.

Compreendemos o audiovisual e as novas linguagens como uma forma de propiciar esse diálogo, possibilitando aos jovens a transformação e compreensão da realidade em que vivem. Será então, que a partir da linguagem cinematográfica conseguimos nos aproximar mais dessa juventude muitas vezes invisibilizada em nossa sociedade? Através dessa experiência conseguimos ampliar as redes de conhecimento destes estudantes? O uso do cineclubes, mídias e artefatos culturais nas escolas podem ser utilizados como fomentadores de um diálogo que promova a emancipação e o empoderamento dessas classes populares? Esses são alguns dos questionamentos que pretendemos nos aprofundar nessa trajetória.

Os debates realizados após as sessões são mediados por professores convidados do colégio ou da UNIRIO, de acordo com a temática. Assim como, quando necessário abrimos também o convite para integrantes de movimentos sociais, sempre buscando pessoas que tenham um olhar diferenciado sobre as questões e que possam contribuir para a formação e a visão de mundo desses alunos. Os temas mensais, que são imprescindíveis para a escolha dos filmes, são definidos em conjunto de acordo com as necessidades da escola e do interesse de alunos e professores. Disponibilizamos um formulário em que eles possam dar sugestões sobre as questões que poderão ser incluídas na montagem do calendário.

É importante ter em conta também, que o espaço e o tempo em uma exibição de filme são determinantes e de sua qualidade material resultará uma experiência prazerosa ou não e que será imprescindível para uma sessão bem sucedida. É necessário que se tenha um espaço que possibilite a estética de um espaço de cinema, com tela grande que tenha boa qualidade de exibição e se possível cadeiras confortáveis. Envolvendo o público e possibilitando que sintam os sentidos que o filme proporciona, pois o lado emocional de um primeiro impacto é muito importante.

Como forma de divulgação do projeto, criamos uma camisa do Cine Júlia, a qual nós integrantes do projeto usamos nas idas a escola, além de alguns integrantes da direção e coordenação que muito nos auxiliam. Além de contarmos com um banner, uma página no facebook, e-mail, blog e muita vontade de expandir os diálogos entre

equipe-escola e equipe-universidade. Paralelo a proposta do Cine Júlia e das oficinas, surgiu a ideia e a possibilidade de no período de 2 em 2 meses levarmos os alunos para assistir o Cine Júlia na UNIRIO, com o ônibus da própria universidade e oferecer refrigerante e pipoca para eles. Com isso, também já fazemos com que eles possam criar um vínculo com a universidade e a ideia do pertencimento do espaço público, que muito pouco é estimulado hoje em dia, com a ideia de que o público não é nosso. Mas é algo que ainda estamos construindo.

Por fim, criamos um espaço em que nós que pensamos e realizamos a proposta, também conseguimos nos aprofundar cada vez mais sobre as temáticas, buscando textos dentro e fora da universidade que nos auxiliem e amplie o nosso conhecimento e gosto pelo assunto e pela opção de trabalhar o cinema com a educação. O diálogo entre o cinema e a educação é um elemento precioso para a construção de um homem livre, crítico nas suas análises, humanista e sensível na sua forma de compreender e olhar o mundo e a vida. Um desafio que se apresenta indispensável nessa experiência de pesquisa na escola com o cinema será possibilitar de forma eficiente problematizações complexas que auxiliem na reflexão e no comprometimento político de todos os envolvidos. Para tanto, continuaremos apostando no cinema dentro cotidiano escolar como meio de emancipação e inserção crítica do ser humano no mundo. Buscando assim a educação de uma maneira interessante e estimulando o gosto pelo aprender que é essencial para uma escola em que visam formar professores que atuem com práticas cotidianas diferenciadas e olhares atenciosos sobre o mundo.

Considerações Finais

A experiência cineclubista tem sido revelada eficiente em todos os seus objetivos e dá conta de almejar tantos outros desafios maiores e mais ousados do que apenas as projeções e os debates. Deste modo, o Cineclubes Júlia tem procurado cumprir o seu papel, indo além, enveredando-se pelos caminhos da militância e da democratização da arte cinematográfica. Os resultados encontrados na presente pesquisa demonstram que a participação dos alunos no Programa PIBID contribui para a valorização do magistério e para o aumento da qualidade da formação inicial de professores. Os resultados apontam também que esses licenciandos podem ser inseridos no cotidiano de escolas da rede pública de educação o que lhes proporciona oportunidades de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes

inovadoras para contribuir para a superação de problemas do processo de ensino-aprendizagem.

Compreendemos o audiovisual e as novas linguagens como uma forma de propiciar o diálogo, possibilitando aos jovens a transformação e compreensão da realidade em que vivem. Será então, que a partir da linguagem cinematográfica conseguimos nos aproximar mais dessa juventude muitas vezes invisibilizada em nossa sociedade? Através dessa experiência conseguimos ampliar as redes de conhecimento destes estudantes? O uso do cineclubes, mídias e artefatos culturais nas escolas podem ser utilizados como fomentadores de um diálogo que promova a consciência política, a emancipação e o empoderamento dessas classes populares? Esses são alguns dos questionamentos que pretendemos continuar nos aprofundando.

São algumas possibilidades para novas incursões com os estudantes secundaristas de uma escola estadual do Rio de Janeiro, que podem experimentar através dessa iniciativa, alguns atravessamentos em termos de criticidade e maior compreensão dos modos de “fazer escola”, que contribuirá não só para a formação de sujeitos mais conscientes e críticos, como na formação dos futuros professores que em breve estarão assumindo as salas de aulas de nossas escolas. Segundo Freire (1994, p. 110): “O educador ou a educadora crítica, exigente, coerente, no exercício de sua reflexão sobre a prática educativa ou no exercício da própria prática, sempre a entende em sua totalidade”. Essa experiência no PIBID foi muito válida, pois foi na prática pedagógica realizada conseguimos perceber e refletir a importância do professor na vida dos jovens. A importância de participar de projetos de pesquisa, mostrou que é possível abrir os leques do curso e enfrentar situações que não são tratadas na sala de aula. Com a experiência do PIBID, hoje estamos cientes do que pode acontecer na sala de aula.

A experiência cineclubista tem sido revelada como pedagógica em todos os seus objetivos por dar conta de almejar tantos outros desafios maiores e mais ousados do que apenas as projeções e os debates. Deste modo, o Cineclubes Júlia tem procurado cumprir o seu papel, indo além, enveredando-se pelos caminhos da militância e da democratização da arte cinematográfica. Enfim, entendemos que o curso de Pedagogia têm muito a ganhar ao antecipar o ingresso de licenciandas no ambiente escolar de forma supervisionada e orientada, para além da experiência com os estágios, porque efetivamente esta política oferece uma contribuição para o aperfeiçoamento da

formação de docentes em nível superior e para a melhoria de qualidade da educação básica pública brasileira. E junto ao cinema, conseguimos aliar a arte e a educação de forma prazerosa.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. J. Cinema: arte da memória. Campinas: Autores Associados, 1999
- BACCO, T. Formação de professores e mídia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=no7Kepo5jEM>. Acesso: 18/08/2015.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, Capítulo II dos Direitos sociais, Artigo 6º. Brasília, 1988
- BRASIL. Emenda Constitucional N° 14, Artigo 3º, § 1º. Brasília, 1996.
- BUTRUCE, D. Porque Cinema é a Cachaça de Muita Gente. Filme Cultura, nº.53, p 21, jan. 2011.
- CERTEAU, M. A Invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- COUTINHO, E. ; BRAGANÇA, F. (Orgs.). Encontros. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.
- COUTINHO, L.M. Diálogos Cinema-Escola. Série TV-ESCOLA - Ministério da Educação e Cultura, 2002.
- DOMINGUES, L. À flor da pele: subjetividade, clínica e cinema no contemporânea - Leila Domingues – Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2010.
- DUARTE, R. Cinema & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 127p
- JOVCHELOVITCH, S; BAUER, W. M. (2002). Entrevista Narrativa. In: Bauer, W. Martin e Gaskell, G. (Org.). Pesquisa qualitativa com texto imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, p. 90-113.
- MARTIN, M. A Linguagem cinematográfica. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- MIRANDA, C. Colaboração intercultural e divisão de poder: perspectivas de descolonização entre professoras e estudantes da escola pública. ANDRADE, Marcelo. A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

Sites

MACEDO, Felipe. O que Comemoramos. <
http://cineclubes.org.br/tiki/tikiread_article.php?articleId=241

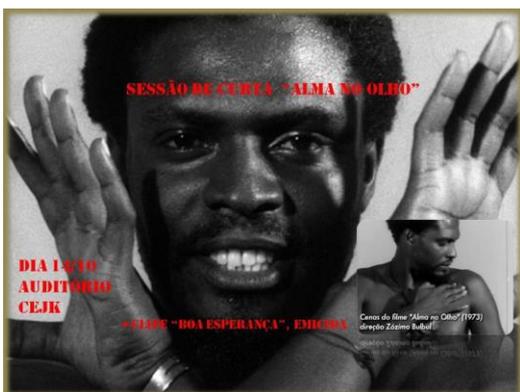
ANEXOS



Exibição do longa metragem A onda, com debate ocorrido no dia 02 de Novembro de 2013.



Exibição do filme A culpa é do Fide,l com debate no dia 12 de Novembro de 2014.



Sessão Cine Júlia



Sessão de curtas com debate sobre a Construção de gêneros, ocorrido no dia 28 de Outubro de 2015.



Oficina-Debate oferecida pelo Cine Julia sobre o video Devagar Escola no CEJK ocorrido no dia 06 de Abril de 2016.

